



A IMPORTÂNCIA DO HOMEM NEGRO NO MOVIMENTO FEMINISTA E OS ESTEREÓTIPOS DE MASCULINIDADES NEGRA

MICHELOTTO, Júlia Nogueira

Resumo

Nesse trabalho se apresenta algumas questões em relação ao homem negro e seus estereótipos de masculinidades, tendo como objetivo incentivar essas discussões dentro na sociedade machista, mais precisamente entre os homens, esperando com que isso quebre paradigmas e incentive uma aliança ao movimento feminista, além disso, refletir os desafios dos homens negros sobre os preconceitos que os circundam e entender como é seu posicionamento dentro do feminismo – principalmente da perspectiva do feminismo negro. Utilizamos a metodologia bibliográfica, o que resultou numa análise histórica sobre gênero e masculinidades, concluindo então que o homem negro sofre dos estereótipos construídos e que ele tem sua devida importância para o movimento feminista.

Palavras-chave: feminismo; homem negro; gênero; masculinidades.

Abstract

This paper presents some questions regarding the black man and his stereotypes of masculinities, aiming to encourage these discussions within the male society, more precisely among men, waiting for this to break paradigms and encourage their entry into the feminist movement, in addition , to reflect the challenges of black men over the prejudices that surround them and to understand their position within feminism - especially from the perspective of black feminism. We used the bibliographical methodology, which resulted in a historical analysis on gender and masculinities, concluding that the black man suffers from the stereotypes constructed and that he has its due importance for the feminist movement.

Keywords: feminism; black man; gender; masculinities.

INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como intuito realizar uma análise histórica sobre o movimento feminista desde a época das sufragistas, até Lélia Gonzalez (1987). Dessa forma, contextualiza-se toda a evolução do movimento feminista, que nos seus primórdios não abordava as diversidades de mulheres. Entretanto na contemporaneidade percebe-se que a ampliação do debate das questões das mulheres através dos diversos movimentos feministas ocorre uma maior abertura para inserir a diversidade dos sujeitos à luta.

Nessa vertente, observa-se que na atualidade apesar de pautas distintas e diversas os movimentos feministas buscam em comum romper o ranço histórico do conservadorismo e do machismo tendo grande possibilidade de ser um movimento mais unificador – não homogêneo, afinal, as pessoas que fazem parte são de diferentes culturas e experiências de vida, assim como de gênero, orientação sexual e raça.

O trabalho também salienta a história do feminismo dentro do Brasil e as dificuldades de não acabar se tornando um feminismo europeu. A partir dessas discussões, explanar sobre gênero relacional de acordo com Scott (1989) e mostrar como a imposição de gênero desde a infância é prejudicial e apenas gera as relações de poder. Com base nisso, no decorrer do desenvolvimento do texto discorre a questão da masculinidade do homem negro e seu envolvimento com o feminismo. Partindo do pensamento que a história dele é importante para firmar uma nova linha de pensamento dentro da sociedade. Apontar também, como bell hooks (1990) retrata a importância do relacionamento entre homem e mulher negra na luta contra o sexismo e racismo, sendo fundamental essa união para denunciar as diversas expressões preconceituosas dentro da sociedade.

Realizamos esse estudo para tentar elucidar a realidade desse homem e sua importância para o feminismo, com o objetivo de aumentar o diálogo sobre machismo entre os homens, principalmente, mas também entre as mulheres, porque de acordo com Mentrado e Lyra (2008) a maioria das pesquisas produzidas até agora sobre homem trata ele e suas masculinidades como um incômodo para as mulheres e suas lutas, mas se busca demonstrar

nesse texto – pela pesquisa bibliográfica – como as masculinidades afetam a vida do homem negro, em razão de ele sofrer com a hierarquização da sociedade racista e suas relações de poder e serem constantemente vistos por uma masculinidade reproduzidas nas mídias.

MATERIAL E MÉTODO

A metodologia empregada para realizar esse artigo foi a pesquisa bibliográfica e a utilização de documentários para compreender melhor a realidade que abordarmos. Em um segundo momento será realizada a pesquisa de campo com homens negros que participam dos movimentos feministas fazendo uma abordagem de cunho qualitativo para aprofundar as experiências vividas pelo próprio homem negro e seus pensamentos sobre as masculinidades negras.

RESULTADOS E DISCUSSÕES OU REVISÃO DE LITERATURA

A Luta Feminista

Não somente na luta por igualdade de gênero, mas por diversas outras causas, o movimento feminista sempre esteve presente. Existente desde os primórdios, através de mulheres que lutaram bravamente contra as múltiplas expressões do patriarcado na sociedade, tomou uma proporção que atinge as diversas camadas sociais e grupos étnicos, é uma mobilização por uma sociedade livre de estereótipos e de igualdade social.

Os momentos que transpassam a construção dos Movimentos Feministas

Os primeiros relatos de um feminismo mais mobilizado e unido foi no século XIX – predominantemente nos Estados Unidos e Reino Unido –, momento histórico que foi marcado pelo início do sistema econômico, social e político: o capitalismo; agravando diversas expressões da questão social, sendo uma delas a desigualdade de gênero. Assim, mulheres se mobilizavam para serem escutadas, conseguir direito ao voto, poder político, ou seja, lutar por direitos iguais entre homens e mulheres. Essa parte do movimento ficou

conhecida como a Primeira Onda do Feminismo (século XIX a século XX), marcada pela luta de mulheres brancas elitizadas, como por exemplo o movimento sufragista – movimento social, político e econômico, de mulheres e homens, na luta pelo sufrágio feminino, isto é, pelo direito ao voto. Hoje a primeira onda é denunciada pela sua falta de inclusão dos olhares e realidades de outras mulheres, porém para o período que se encontrava foi, de fato, progressista. (CASSAB; OLIVEIRA, 2014).

Logo após houve a Segunda Onda do Feminismo (1960-1980), que predominou muito nos Estados Unidos, onde as mulheres não lutaram somente pelo espaço político, mas também pela liberdade do seu corpo, sexualidade e contra a discriminação. Segundo Beauvoir (1949, p. 10) “A humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo”. E era exatamente isso que o movimento estava tentando fazer nessa época, constituir a mulher como um ser autônomo e preservar as singularidades femininas reconhecendo-as – algumas de suas demandas foram conseguir creches para os filhos para poderem sair trabalhar, usar a roupa que querem, terem direitos reprodutivos e ao prazer, tornar a violência sexual e familiar visível para ser debatido, entre outras pautas igualmente importantes –, estavam moldando uma nova mulher que não precisasse ser adequada aos estereótipos construídos pela sociedade patriarcal. (SIQUEIRA, 2015)

Apesar de ser mais revolucionário houve conflito dentro do próprio movimento, no documentário *“She’s Beautiful When She’s Angry”* (“Ela é Linda Quando Ela Fica Brava”) – lançado em 2014, dirigido por Mary Dore, conta a história do feminismo a partir dos anos de 1960 até os anos 80 nos Estados Unidos –, revela como foi difícil a inserção das demandas das mulheres não heteronormativas, ao ponto de chegarem a se desmembrar, porque a feminista lésbica/negra/transgênero¹ estava tentando trazer suas demandas, mas eram excluídas por acharem que eram assuntos muito avançados que perderia o foco do feminismo e estava muito “cedo” para discutir, tanto que chegaram a

¹ Usamos a palavra transgênero como termo guarda-chuva, que se abre para todas as outras nomenclaturas da comunidade trans, como Jaqueline Gomes de Jesus traz em seu livro “Orientações Sobre Identidade de Gênero: Conceitos e Termos” (2012).

expulsar feministas lésbicas da Organização Nacional das Mulheres (ONM), então predominava no momento apenas os interesse da mulher branca de classe média e alta. (DORE, 2014)

Já na Terceira Onda, presente nos anos 80 até agora², finalmente começou a ser visto e inserido o contexto social, histórico e econômico das outras mulheres, é o estágio de amadurecimento das ideias presentes na década de 1960 a 1980. Notou-se que o movimento feminista estava sendo excludente por generalizar a relação de classe, etnia, religião e orientação sexual e não somente por isso, mas por estarem excluindo as mulheres que se vinculavam com homens, afinal eles eram os “inimigos” que as reprimiam e por conta disso deixaram de vê-los como parte da cultura machista, que constitui estereótipos do que é ser homem – sendo um deles o de opressor, que deve ver a mulher como uma posse, como se estivesse no mundo somente para ele e se não possuem uma postura de posse perante a mulher, por exemplo, não é “homem de verdade”, então ao invés de tentar mudar essa postura simplesmente o excluíram também –, desse modo tiveram que refletir acerca do que o movimento é de verdade e aprimorá-lo. Vale ressaltar que o movimento feminista não tem etapas que não se sobrepõe, separamos por ondas o feminismo para apenas proporcionar uma dinâmica mais didática para falar sobre as diversas mudanças dentro do feminismo.

O que ajudou a expandir a causa pela igualdade de gênero foi a entrada do que se conhece como “feminismo negro”, “feminismo lésbico”, “feminismo indígena” e várias outras correntes feministas, mais diversas, que não se resumem a luta de uma mulher branca – que difere da luta de uma mulher negra que vive na periferia por exemplo. Para alguns escritores essa época fica conhecida como “pós-feminismo”.

O conceito de pós-feminismo poderá assim traduzir a existência hoje de uma multiplicidade de feminismos, ou de um feminismo "plural", que reconhece o factor da diferença como uma recusa da hegemonia de um tipo de feminismo sobre outro, sem contudo pretender fazer

² Há quem diga que atualmente vivenciamos a Quarta Onda do Feminismo, que seria um feminismo visivelmente democratizado pelas mídias, porém essa tese não é concreta ainda.

tabula rasa das batalhas ganhas, nem reificar ou "fetichizar" o próprio conceito de diferença. (MACEDO, 2006, p. 153-154)

A pluralidade é importante também quando o movimento se fixa no Brasil, porque contribui para se pensar no contexto histórico socioeconômico que permeia o país, ao invés de adentrar um feminismo europeu e norte americano, que possuem demandas diferentes e algumas carências maiores que outras devido à diversidade territorial e processo histórico distinto.

Feminismo no Brasil

O feminismo no Brasil passou pelas diversas ondas também, em 1663 temos Aquilino, mulher negra, avó de Zumbi dos Palmares, que liderou, no regime escravocrata, diversos escravos para lutar pela emancipação; em 1832 Nísia Floresta (1850), considerada pioneira do feminismo brasileiro, publica "Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens", que indaga a realidade da mulher brasileira focando nos seus direitos como cidadã; Almeida Nogueira (1891), que destacou a importância de ter na constituição a garantia de sufrágio universal as mulheres; e diversas outras mulheres batalhadoras. Porém, a mulher só conseguiu avanços concretos em 1932, quando conquistou direito ao voto.

Pode-se concluir que o feminismo começou a se constituir como um movimento unificado a partir das diversas instabilidade políticas que o país passou, principalmente nos períodos ditatoriais, como no Estado novo – Getúlio Vargas instaura um regime autoritário entre 1930 e 1945 – e no Regime Militar – concretizado entre 1964 até 1985 através de forte repressão popular. Foi mais especificamente no fim da República Velha (1889-1930) que começou a visibilidade do feminismo e sua expansão junto com um sistema urbano-industrial de sociedade.

O país vem de um histórico de fechar os olhos para a realidade do próprio país subdesenvolvido e impor projetos/lutas internacionais que não condizem com o contexto político, econômico e social – isso ocorreu com o sistema de políticas públicas, com a modernização industrial e com o sistema de saúde, por exemplo. É isso que Gonzalez (1987) criticava quando falava de

feminismo, acreditava que o movimento feminista no Brasil deveria se descolonizar e fundar o que chama de “Feminismo Afrolatinoamericano”, que atenda e evidencie as mulheres latino-americanas e caribenhas e denuncie a invisibilidade da raça – para poder reconhecer também a mulher negra, seus sofrimentos e desafios, valorizando-as –, procurando um modelo alternativo de sociedade. No entanto, independente de Brasil e outros países:

O feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto a nível das estruturas como das superestruturas (ideologia, cultura e política). Assume formas diversas conforme as classes e camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e culturas. (TELES, 1993, p. 10)

Como Teles (1993) coloca muito bem, temos uma opressão específica, porém, temos que lembrar das diversidades ideológicas e culturais de cada mulher.

Gênero: Um Conceito Fundamental

Foi com o movimento feminista que as diversas discussões de gênero começaram, a partir do movimento questionaram os papéis de gênero, enxergaram e demonstraram como essas identidades não são fixas e nem imutáveis, são na verdade muito diversificadas, foi assim que começaram a ver gênero de forma relacional, como “pertencente às relações sociais entre os sujeitos e um modo de significar as relações de poder” (COSTA; SILVEIRA; MADEIRA, 2012, p. 222).

Pelo senso comum gênero é definido pela genitália, ou seja, é homem se possui um pênis e é mulher se possui vagina, porém gênero é muito mais do que a biologia de um ser, é uma imposição socialmente construído e como Scott (1989) conclui, é uma relação de poder também. Desde a infância há imposição sobre os indivíduos para serem homens/mulheres, pintamos o quarto de rosa quando descobrimos que o bebê é do sexo feminino ou reprimimos o desejo de um menino brincar com bonecas, porque é “coisa de menina”, por exemplo, reforçando um estereótipo de homem e de mulher, do que é feminino e masculino. Gerando inclusive um processo de exclusão,

porque quem não se encaixa nos padrões da sociedade patriarcal é descartado e taxado como “anormal”. (COSTA; SILVEIRA; MADEIRA, 2012).

Scott (1988) afirma que sexo e gênero são definições socialmente construídas, bem como estabelecer o que é ser homem e ser mulher e apresentar o papel diferenciado de cada um seria uma forma de legitimar uma relação de poder entre opressor e oprimido. Apesar de se compreender que essa forma que gênero foi instituída e ainda sustenta a supremacia masculina, partimos do pressuposto de Nathalie Davis (1975, p. 90):

Eu acho que deveríamos nos interessar pela história tanto dos homens quanto das mulheres, e que não deveríamos trabalhar unicamente sobre o sexo oprimido, do mesmo jeito que um historiador das classes não pode fixar seu olhar unicamente sobre os camponeses.

É com base nessa frase que a pesquisa busca ver o movimento feminista e estudar as masculinidades negras.

Homem Negro, Masculinidades e Feminismo

Quando o movimento feminista se abriu para novas discussões da década de 1960 a 1980, questionaram fortemente a predominância do homem branco heterossexual, abrindo espaço para problematizá-los dentro do feminismo e junto as masculinidades negras. Vale destacar que quando se fala da categoria homem não se pode reduzi-los somente a um tipo, há diferença entre eles, tanto sexualmente, economicamente e quanto etnicamente. (DE SOUZA, 2008)

Excluir o homem do movimento feminista é fechar os olhos para metade da população que também contribui para a difusão de um pensamento machista, eles também sofrem com essas expressões do patriarcado e constroem/desconstroem gênero, não no mesmo patamar, porque a imposição do gênero para a mulher e homossexuais teve visibilidade antes. bell hooks (1990) critica o feminismo radical por possuir um discurso anti-homem e negar as condições de raça e classe, porque na verdade muitas dessas mulheres brancas possuem mais privilégios que um homem negro, principalmente

pobres e de baixa escolaridade – dentro do feminismo negro, para hooks (1990) é essencial e positiva a união entre homem e mulher negra na luta contra o racismo, assim como a inserção de sua experiência sobre discriminação racial pode ser produtiva para trazer um novo viés ao feminismo, trazendo novos efeitos para a causa.

Carneiro (2003) concorda com a autora quando afirma que as masculinidades subalternizadas – do homem negro – são inferiores à das mulheres racialmente dominantes, nesse caso brancas. Connel (1997) afirma que masculinidades são processos, isto é, não são fixas e podem ser modificadas, existem masculinidades hegemônicas, que seria a do homem branco, heterossexual, rico e ocidental, e as masculinidades marginalizadas, que entraria o ser negro, gay, pobre, indígena, etc.

É importante separar as masculinidades brancas e negras, porque o homem negro, antes de ser homem ele é negro (FANON, 1983) e desde os primórdios, ele tem sexo, há um hiperssexualização – até hoje, nas novelas, cinema e series, quando há um homem negro, normalmente é com esse estereotipo. Assim como, é visto como preguiçoso e vadio, por exemplo na novela “Senhora do Destino” (2004), há um personagem negro, Cigano, que é interpretado como marginal e de péssimo caráter, sendo desqualificado constantemente. Também visto como um fiel escudeiro dos homens e mulheres brancas, sempre ali para os proteger, inclusive de outros negros, ou ser o alívio cômico nas diferentes mídias. Um rótulo construído foi o do alcoólatra, o pai ausente, que sai para beber, fica violento e não consegue parar em casa com a família devido esses problemas, reforçando como um homem negro “não seria capaz” de ter responsabilidades. (SOUZA, 2009).

As masculinidades são reforçadas pela mídia e constantemente pela população, podemos apontar então que são socialmente construídas e limitam as oportunidades para esses homens, que desde a infância vem sendo taxados como problemáticos – tanto que em 2007, o então governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral Filho, defendeu o aborto nas mulheres grávidas da Rocinha como forma de reduzir a violência. Como Rolf Ribeiro de Souza (2009, p. 110) aponta:

A construção social da masculinidade traz consigo certos aspectos que são perigosos para os próprios homens, como apontam inúmeros estudos, pois para conseguir reconhecimento os homens se expõem e são expostos a situações que os colocam sua saúde e segurança sob risco, estes mesmos estudos apontam que os homens negros são as principais vítimas.

Não é por acaso que os homens negros têm a maior taxa de mortalidade, disparado na frente da mulher branca, pode deduzir que isso se dá, também, por causa da construção social da masculinidade negra, que o marginaliza constantemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A base para esse artigo foi o resgate histórico da luta feminista, que sempre foi em busca de quebra de paradigmas, mesmo quando estavam tentando se encontrar como movimento social, expor algumas concepções de gênero, principalmente o gênero relacional de Scott (1988) –, sendo de suma importância para concluirmos que as masculinidades são impostas pela sociedade, podendo ser mutáveis.

Os homens negros sofrem de um estereótipo de hiperssexualização, irresponsável, violento e alívio cômico, assim como de uma visão criminalizadora de suas ações, como se produzissem a violência. A partir de uma análise crítica sobre a realidade da sociedade atual podemos concluir, embasando nos pensamentos de hooks (1990), como é importante uma união entre os indivíduos que a compõe e a participação do homem negro dentro do feminismo.

A pesquisa foi limitada no sentido de não conseguirmos ainda analisar o homem negro a partir de sua orientação sexual, condições econômicas e regionais, porém é um gancho para um futuro aprofundamento, assim também realizar uma pesquisa empírica qualitativa para poder refletir, não somente bibliograficamente, sobre suas experiências com os estereótipos de masculinidades e pensamentos sobre seus envolvimento dentro do feminismo. Alguns objetivos – aumentar as discussões sobre o assunto entre os homens e fazer uma análise sobre as masculinidades dos negros – trazidos

nessa pesquisa requerem uma análise mais profunda através de dados qualitativos, os quais serão realizados em um segundo momento da pesquisa, porém a partir de uma pesquisa bibliográfica conseguimos compreender a história do movimento feminista e a intersecção dos homens negros na perspectiva de diversos autores. Acredita-se que o homem negro é vítima e também reprodutor da sociedade patriarcal e de construções de gênero que tem na concepção patriarcal, conservadora e heteronormativa seu cerne. Dessa forma, essa pesquisa é apenas a ponta do *icerberg* para futuros aprofundamentos no contexto da temática proposta.

Referências

CARDOSO, C. P. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 3, p. 965-986, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36757>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

COSTA, R. G; SILVERA, C. M. H; MADEIRA, M. Z. A. Relações de gênero e poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina. **17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero**. Paraíba: 2012.

DE JESUS, J. G. Transgeneralidades. (in) _____. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília: Autor, 2012.

DOS SANTOS, L. D. Por um Feminismo Plural: escritos de Lélia Gonzalez no Jornal Mulherio. **Gênero na Amazônia**, v. , n. 4, p. 226-237, 2013. Disponível em: <<http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-4/artigos/artigo-10-luana-santos.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2017.

DE SOUZA, R. R. As representações do homem negro e suas consequências. **Revista Fórum Identidade**, v. 6, n. 3, p. 97-115, 2009. Disponível em: <<http://kilombagem.org/wordpress/wp-content/uploads/2014/05/As-representa%C3%A7%C3%B5es-do-homem-negro-e-suas-conseq%C3%BC%C3%AAncias.pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

FREIRE, A. **Cabral defende aborto contra violência no Rio de Janeiro.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL155710-5601,00-.html>>. Acesso em: 13 ago. 2017.

GOMES, A. S. **A marcha em Washington e a quarta onda do feminismo.** Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/blogs/adriana-salles-gomes/amarcha-emwashington-eaquarta-ondado-feminismo/>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

JUNIOR, A. G. **Primeira onda feminista.** Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/primeira-onda-feminista/>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

KNORR, E. Da criação de um lugar. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, n. 3, p. 143, 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2006000300017>>. Acesso em: 30 ago. 2017.

MACEDO, A.G. Pós-feminismo. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, n. 3, p. 813-817, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a13v14n3>>. Acesso em: 13 set. 2017.

MARCELINO, G. H. **Especial juntas:** as sufragistas e a primeira onda do feminismo. Disponível em: <<https://juntos.org.br/2016/01/especial-juntas-as-sufragistas-e-a-primeira-onda-do-feminismo/>>. Acesso em: 09 ago. 2017.

NUNES, P. **Simone de Beauvoir e a Segunda Onda Feminista.** Disponível em: <<https://medium.com/@4grausdemiopia/simone-de-beauvoir-e-a-segunda-onda-feminista-ab215667a0dd>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

OLIVEIRA, L; CASSAB, L. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. **Anais do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas.** Londrina: 2014.

SCOTT, J. **Gênero:** uma categoria útil para análise histórica. Nova Iorque: Columbia University Press, 1989.

SHE'S BEAUTIFUL When She's Angry. Direção: Mary Dore, Produção: Mary Dore; Nancy Kennedy. Salt Lake City: 2014.

SIQUEIRA, C. K. B. As três ondas do movimento feminista e suas repercussões no direito brasileiro. **XXIV Congresso Nacional do CONPEDI - UFMG/FUMEC/Dom Helder Câmara**. Florianópolis: 2015.

TELES, M. A. A. Introdução. (in) _____. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.